

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	17.º Anno — XVII Volume — N.º 556	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	I DE JUNHO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

A inauguração do theatro de D. Amelia, o novo theatro da rua do thesouro Velho, a que já nos referimos largamente na nossa ultima chronica, foi, como era de prever e como de justiça era, o acontecimento culminante da semana.

Em toda a parte, mesmo nas cidades mais populosas e movimentadas, a inauguração d'um theatro novo é sempre um caso que dá nas vistas e atrai as attentões do publico; é facil de imaginar portanto o que seria a inauguração de um grande theatro, d'um theatro que vem trazer uma nota nova aos theatros de Lisboa e do qual se diziam maravilhas, n'um cidade como a nossa, onde as attentões da população não teem muito que fazer e onde uma muar do americano, que escorrega na calçada, ou um empregado dos telephones que anda pelas ruas da baixa encarrapitado nas suas escadas altissimas a concertar os fios escangalhados, tem a miudo as honras de acontecimento sensacional.

A curiosidade que essa inauguração despertou foi tão grande, que fez com que se cobrisse quasi que totalmente a assignatura para os 15 primeiros espectaculos d'esse theatro, apesar dos preços elevados d'essa assignatura e de se tratar d'uma companhia d'opereta italiana, genero que entre nós nunca teve grande successo.

Mercê do bom gosto de Guilherme da Silveira, o illustrado director gerente do novo theatro, e dos seus distinctos conhecimentos artisticos, essa companhia sahiu boa, mas o publico cobriu a assignatura sem saber se ella seria boa ou má — porque em Portugal não se sabe nada do que se passa lá por fóra em theatros, excepto nos de Paris e ignorava-se portanto se os artistas que figuravam no elenco tinham ou não boa cotação no mercado theatral — e correu a tomar lugares para essas recitas unicamente pelo interesse e pela curiosidade de assistir á inauguração do novo theatro.

Essa inauguração que, quando nós escrevemos a nossa ultima chronica, estava annunciada para o dia em que essa chronica se devia publicar, segunda feira 21, realisou-se no dia immediato, terça feira 22, anniversario do casamento de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e rainha D. Amelia e ainda bem que se realisou n'esse dia, porque tratando-se d'uma recita de gala, todos os espectadores, senhoras e homens, foram para o theatro vestindo *toilette* de gala, o que deu á elegantissima sala do theatro de D. Amelia um aspecto verdadeiramente festivo e distincto.

O theatro teve uma enchente enorme e a impressão produzida pela formosa sala, pelo elegante jardim envidraçado que serve de botequim, pelo artistico e riquissimo *foyer* da 1.ª ordem fez em toda a gente a mesma impressão de deslumbramento, em que já aqui tinhamos fallado, todos estavam maravilhados, encantados, com o novo theatro e todos tinham rasão de estar, porque, como já dissemos, o theatro de D. Amelia é o mais elegante e bonito de todos os nossos theatros.

A companhia italiana agradou, sem despertar contudo grandes enthusiasmos — o que não admira dada a friesa e gravidade solemne e systematica, com que o nosso publico, ha um tempo para cá, assiste ás primeiras representações e dada tambem a escolha da peça de abertura, que nunca

teve grande successo em Lisboa — a *Filha do tambor mór*.

De todas as operetas de Offenbach que se tem dado na nossa terra a *Filha do tambor mór* é a que menos tem agradado sempre e nem o seu poema, nem a sua musica tiveram nunca entre nós successo comparavel ao da *Gran Duqueza Barba Azul*, *Perichole*, e *Brigands*.

O desempenho que lhe deu a companhia foi regular, mas não teve nada de notavel.

Teve um exito de *ensemble*, de boa *mise en scene*, mas não teve successo accentuado de *estrellas*. Não houve nenhum artista que desafinasse no conjunto do desempenho, mas tambem não houve nenhum que se evidenciasse notavelmente, que entre todos desse nas vistas e d'ahi a ausencia dos grandes enthusiasmos.

A sr.ª Soares, a actriz que fez o papel de filha

do Tambor mór. e o actor que fez o papel de tenente Roberto foram os dois artistas que mais agradaram na peça da estreia, este pela sua bonita voz e pela arte com que cantou, aquella já como cantára tambem; mas principalmente como actriz, porque tem graça, vivacidade e alegria.

Os comicos fizeram rir por vezes mas pareceram-nos um pouco exaggerados n'esta peça, procurando os seus efeitos pelo feitto buffo italiano a que nós não estamos muito habituados.

As operas cantadas nas outras noites — a *Perichole* e a *Mascotte*, operas a que não assistimos, agradaram muito mais que a primeira, o que não admira porque alem d'essas operas serem muito mais do agrado do nosso publico, os artistas estão já muito mais á vontade, sem as hesitações inherentes a uma estreia perante um publico completamente desconhecido e porque o publico já des-

QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



A' VOLTA DA FONTE — QUADRO DO SR. CONDEIXA
(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

piu a solemne toga de juiz severo que ultimamente entendeu ser elegante adoptar como *toilette* para assistir ás primeiras representações.

E foi essa toga de juiz que o obrigou a praticar na noite da inauguração do theatro de D. Amelia uma injustiça flagrante, não se lembrando de chamar á scena e de applaudir, com os applausos a que elles tinham incontestavel direito, os artistas illustres que tão distinctamente decoraram o theatro D. Amelia, e os cinco emprezarios d'aquella nova sala de espectaculos, que mais por amor da arte que por amor dos seus interesses,—porque é claro que fazendo um theatro d'aquellas mesmas dimensões, mas sem aquelle luxo, aquelle elegancia, ganhavam o mesmo dinheiro gastando muito menos—dotaram Lisboa com aquelle formoso theatro, que é o mais elegante e mais luxuoso não só da capital como do paiz inteiro.

Pois na primeira noite, o publico todo entregue á sua preocupação de ser austero, grave, reservado, nem sequer se lembrou que devia a esses heroicos emprezarios e a esses excellentes artistas decoradores o prazer que os seus olhos estavam gosando n'aquelle theatro, que excede tudo o que por cá havia.

Felizmente a imprensa remediou esse esquecimento do publico, não poupando elogios, elogios que elles merecem bem, tanto a Rossi e a Marni, os dois distinctissimos artistas que derigraram a decoração do theatro e do jardim, como a Guilherme da Silveira, Visconde de S. Luiz de Braga, Miranda Ramos e Celestino da Silva os co-rajosos emprezarios que se abalancaram a esse a:rojado commettimento.

Na quarta feira 23 inaugurou-se nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa a exposição e venda de rendas de Setubal e de Peniche cujo producto reverte em favor dos pescadores d'esta localidade, que ha mezes luctam com a miseria, por lhes ter faltado o peixe.

A exposição que foi inaugurada solemnemente por Suas Magestades as Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, tem sido muito concorrida e dado os melhores resultados. A installação que é muito artistica e elegante, foi feita por uma commissão de senhoras, composta pela Ex.^{ma} D. Maria Machado da Cruz, D. Ermelinda Cordeiro e suas filhas, D. Ermelinda e D. Leopoldina, D. Amelia de Menezes Cardoso, D. Amelia Cardoso, D. Magdalena Pimentel, D. Gertrudes Tavares, D. Angelica Pinto Basto, D. Diolinda Cardoso, D. Maria Pinto Cardoso, D. Julia Correia Pereira, D. Sophia de Sousa e D. Anna Luzes.

A exposição occupa o salão central da Sociedade de Geographia, chamado o salão dos Fundadores, e as salas lateraes, sala de Angola e sala de Moçambique.

As rendas estão expostas sobre colchas de damasco, collocadas em altos cavalletes, e em cima de mezas, que occupam o centro das salas.

Entre as rendas expostas algumas d'uma manufactura primorosa e que rivalisa com as melhores, que no genero se produz lá fóra, figuram os artefactos das alumnas das escolas industriaes de Setubal e de Peniche e de algumas rendeiras particulares d'esta ultima villa.

Nas salas collocadas sobre riquissimas colchas, veem-se os retratos, bellas photographias do sr. Camacho, de S. M. a Rainha D. Amelia, de S. Alteza o Principe Real e de S. M. a Rainha D. Maria Pia, que está collocado sobre o estrado onde trabalham as alumnas da escola industrial de Peniche, que tem o nome da augusta soberana.

Vêr trabalhar estas alumnas não é com certeza dos menores attractivos d'esta exposição. As alumnas que são 6, duas de cada um dos tres annos do curso, chamam-se Francisca Vidal, Amelia Stylita, Roza Stylita, Conceição Sousa, Maria da Conceição Leitão e Gertrudes da Conceição, trabalham sob a direcção da mestra das officinas, D. Bemvinda Fernandes.

A mestra da escola de Peniche é a sr.^a D. Etelevina Augusta d'Assumpção, e a da escola de Setubal, que figura também com muita honra na exposição é a sr.^a D. Joaquina Guerreiro.

Não é só de rendas que consta a exposição; figuram n'ella também peças de roupa branca desde as mais modestas até ás mais luxuosas, bordados de diversos generos e diversos pontos, etc.

A industria de rendas está muito adiantada e muito prospera. Nota-se não só grande aperfeiçoamento no trabalho como também grande variedade de desenhos.

As rendas de Peniche estão tendo grande accei-

tação lá fóra e a exportação começa a ser importante, pois anda já em cêrca de 100 contos de réis a importancia da exportação annual.

Muitos dos productos expostos tem já sido vendidos e a exposição que fecha no dia em que a nossa chronica sae á luz teve um verdadeiro successo, foi um acontecimento importante no nosso mundo industrial e faz muita honra ás escolas de Peniche e de Setubal e á direcção excellenté de Luciano Cordeiro o zeloso e illustre inspector das escolas industriaes do sul.

Tambem com o mesmo fim santo, proteger os pobres pescadores de Peniche, realisou-se no domingo 27 uma recita em S. Carlos dada pelos quintanistas da universidade de Coimbra, que vieram representar a Lisboa a revista *O sr. Pellides em Coimbra*, que este anno constituiu o espectáculo da recita dos quintanistas e que em Coimbra teve grande exito, ha semanas.

O sr. Pellides em Coimbra é uma revista muito engraçada, escripta pelos srs. Armando Navarro, Antonio Caldas, Manoel Quintella, musica dos srs. Antonio Vianna e Fructuoso da Silva.

A musica foi instrumentada pelo dr. Antonio Simões de Carvalho Barbas, que é um maestro distinctissimo.

O sr. Pellides em Coimbra, apesar de ter muitas allusões perfeitamente locais, agradou muito em Lisboa, os auctores e intrepreses foram muito applaudidos.

Completo o espectáculo uma engraçada canção nova de Accacio Antunes, *Tudo attenuado*, desempenhada magistralmente pelo sr. Luiz Gama, um rapaz muito conhecido e muito querido em Lisboa, que tem immensa graça e representa como um actor consumado, e o monologo *Um romance* recitado excellentemente pelo sr. Chaby.

Os academicos de Lisboa fizeram uma recepção entusiastica aos seus collegas de Coimbra, e offereceram lhes no theatro de S. Carlos uma palma de flôres artificiaes com fitas vermelhas com esta dedicatória: «A Academia de Lisboa aos quintanistas de direito. Lisboa. 27—5—94».

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A CHRISTOVÃO COLOMBO EM S. DOMINGOS

Entre as manifestações de publico reconhecimento do povo americano pelo grande navegador Christovão Colombo, conta-se a estatua, que os habitantes de S. Domingos erigiram ao illustre genovez e de que damos copia em a nossa gravura.

É um bello monumento, que mede uns dez metros de altura sendo a estatua obra do escultor Bartholdi, auctor também da colossal estatua da Liberdade illuminando o mundo, que se ergue á entrada do porto de New York (1).

A estatua de Colombo é de bronze e assenta sobre um pedestal de granito. Na face do pedestal a figura de um indigena escreve a dedicatória do monumento.

O monumento, que importou em 30.000\$000, foi feito por subscrição entre os habitantes de S. Domingos, e está collocado no centro da praça d'Armas de S. Domingos, em frente da porta principal da cathedral.

JULIO CESAR MACHADO

(Continuado do n.º 555.)

São celebres e raros os grandes leitores, apontam-se: neste momento lembramo-nos apenas de tres — um francez, um allemão e um inglez — Andrieux, auctor dramatico e contista, Ludwig Tieck, poeta contemporaneo de Goethe, e o gran-

de romancista Carlos Dickens. E naturalmente estes não attingiram a perfeição logo no primeiro dia, em que se apresentaram em publico.

A estreia de Julio Machado foi, portanto, animadora, porém o genero é que não pode lancar fundas raizes no gosto nacional; nós, meridionaes, abundantes de palavra, se não eloquentes, não apreciamos extremamente a oratoria lida, não dispensamos a exposição directa, a confirmação, a comunicação pelos olhos e pelo gesto. Elle, creio que também assim pensava, e por isso não repetiu o ensaio.

N'essa noite, ao descer do estrado, perguntou-nos — aos que alli estávamos — se nos tinha agradado a leitura. Respondemos-lhe que sim, felicitando o, mas a mim pareceu-me que elle não dera importancia alguma ao seu triumpho.

Narrador de primeira ordem era nas pequenas reuniões de amigos, attentos, espirituosos e alegres, que elle encontrava o seu publico e as suas victorias: na arte da palavra os seus contos, as suas historietas, as suas anedotas tinham então o valor que têm na pintura os quadrinhos dos *pequenos flamengos*, vivos, alegres, saltitantes, cheios de colorido e movimento. Terminado o quadro, obtido o effeito, Machado despedia-se, se a reunião ou o encontro tinham sido fortuitos, mas se elle ficava, ninguém diria que aquelle rosto, serio e talvez um pouco triste, era o do artista, que com a sua exuberante mimica physionomica nos fizera rir a bandeiras despregadas!

O riso em Julio Machado, ás vezes, era como automatico — abria-se e fechava-se, sem transição! Esse contraste das duas physionomias impresso nava-me, sempre que o via. O auctor de tantas paginas alegres, um homem que se ria tão bem foi, um triste? Talvez Distrahia-se compondo, escrevendo, pondo em scena os episodios comicos da vida; distrahia-se depois, novamente, relendo-os e recitando-os. Na dualidade da nossa alma muitas vezes o artista salva ou consola o homem.

Julio Machado soffria do figado, era um bilioso, um *hepatico*. Demais tinha uma extraordinaria sensibilidade. Um dia, andando nós a passear no Aterro, disse-me que se sentia um pouco adoentado. Eu, attenta a sua cor trigueiro-pallida, perguntei-lhe se padecia do figado. Elle, com um ar quasi tragico, e como que admirado da minha pergunta, respondeu-me, pondo a mão no sitio:

— O meu figado?! Mas é uma taboa, uma taboa! Impressionavel, e com aquelle inimigo dentro de si, como não seria elle triste!?

Travadas logo de começo, com reciproca sympathia, as nossas relações, e ambos quasi da mesma idade — Julio Machado tinha apenas mais tres annos — era natural que ellas se estreitassem, e que chegassem a uma grande intimidade. Não foi, porém, assim. Entrando muito mais cedo na vida, e por outras portas, a sua orientação social, os seus habitos, as suas predilecções, eram differentes das minhas: elle era mais mundano, mais cortesão, eu mais recolhido e concentrado, e o tempo que elle gastava com o mundo, dava-o eu aos livros. Vieram depois as caçadas — paixão ingênita em mim e refreada desde a infancia — e isso ainda mais nos distanciou, approximando-me d'outros, que tinham em si os mesmos instinctos venatorios e o mesmo amor á arte de Santo Huberto. Conviviamos então nos jornaes — eu lia os folhetins d'elle, elle lia os que eu, ás vezes, publicava no *Diario da Manhã*.

Habitantes d'uma cidade, que não tem a area de Londres, nem de Pariz, passavam-se mezes que não nos viamos, e então, quando acertavamos de nos encontrar, armavamos barraca, e conversavamos horas, como se um de nós tivesse chegado de longas terras! Faziamos alli o folhetim de todo aquelle tempo. Eu interrogava-o, elle interrogava-me, eu contava historias, elle contava historias — as d'elle mais variadas, mais abundantes de lancos comicos, de observações picantes, de estudos sobre o vivo, e tudo aquillo dito com aquelle graça essencialmente pittoresca, que era só d'elle, fechando com um dito, um toque supremo, sublinhado com uma casquinada nervosa, accentuada como uma careta!

E lá se ia elle, com o passo leve e o ar saltitante d'uma arveloa, meneiando a cabeça, e parecendo a quem o via um homem feliz e sem cuidados.

(1) Vid. *Ocidente* vol. ix pag.º 277.

Entre os amigos de Julio Machado contava-se o pintor Lupi. Miguel Angelo Lupi—um nome destinado para a arte—foi um grande artista—dos d'alma e coração—e um dos que mais estimei. Outro bilioso este, outro hepatico, e d'isso morreu na força da vida, no momento em que tanto se esperava do seu talento, então na plenitude.

Pouco depois da morte d'este notabilissimo pintor vi anunciado o leilão das obras que elle deixara. A curiosidade artistica levou-me á Academia, ao seu atelier, e confesso que fui com uma certa repugnancia: é que n'esses logares para deante de nós a imagem da morte, e n'esse momento essa imagem era a d'um amigo... No dia seguinte escrevi a *Ultima visita ao atelier de Lupi*, que veio publicada no *Diario da Manhã* d'então.

Não sei que effeito produziu nos outros a descripção do que eu vi—o confronto, dentro d'aquelle recinto, do passado com o presente, mas, dias depois, encontrei Julio Cesar, junto ao passeio da Estrella. Machado atravessou a rua, e veio felicitar-me.

—Não sabia que eras tão amigo do Lupi—disse-me elle.—Gostei, gostei muito. Tenho lido as tuas coisas, tu sabes: leio-te no *Diario da Manhã*, sim... Mas aquelle folhetim está realmente muito bem escripto, e sentido, que isso vale mais...

A narração quente, vibrante, das minhas impressões tocara n'elle a mesma corda que em mim ferira o triste espectáculo. Era um bello e nobre coração o do pobre Julio. Infelizmente, não tinha tempera bastante para as duras batalhas da vida, e por isso elle as evitava. Mas nem a todas se pode fugir.

Disse aqui que elle era muito impressionavel: era o effectivamente. Uma tarde, ao lusco-fusco, vinha elle pela rua de S. Ambrosio, de casa de Pinheiro Chagas, para onde eu ia. Vendo-o, obliquei um pouco bruscamente, dirigindo-me a elle. Usavam-se então uns chapéus á tyroleza, e eu levava um d'esses sombreros na cabeça. Isto, a pouca luz que havia—ainda não tinham accendido o gaz—e os seus nervos, fizeram com que elle, desconhecendo-me, mesmo depois de me ouvir a voz, dêsse um passo á retaguarda, encarando-me como se eu fosse um inimigo! Depois achámos-me ita graça ao episodio, de que logo me esqueci. Elle, porém, o impressionado, o nervoso, é que nunca mais se esqueceu. Contou-o a Pinheiro Chagas na primeira occasião em que lhe fallou, e referiu-se facetamente a elle n'uma carta, que muito tempo depois me escreveu, e que o leitor vai ter deante dos olhos. Eu quando a li, tive que avivar o registro da memoria, para me recordar do temeroso encontro!

Estava eu—em 1883—publicando no *Diario da Manhã* uma serie de pequenos quadros e phantasias, e, um dia, inscrevi o nome de Julio Machado debaixo do titulo d'uma d'ellas, dedicando-l'ha. No dia seguinte, á noite, procurou-me elle na redacção, e, não me achando, deixou-me a seguinte carta:

«Meu caro Zacharias. Estou verdadeiramente grato á tua affectuosa lembrança. Comquanto amigos antigos, nunca convivemos em grande intimidade, e ainda, por isto mesmo, me penhora, em grau mais subido, a amabilidade e a honra da dedicatória do *Idyllio romantico*. Assaltaste-me, n'uma noite, ha annos, como um malfetor, quando eu vinha de casa de Pinheiro Chagas, e devias-me, como compensação, uma surpresa agradável; mas confesso-te que nunca esperei que o fosse tanto e tão boa,—não por desconhecer a valia das tuas qualidades e do teu merecimento, mas por não julgar facil que te lembrasses de mim. Obrigado, e, sobre um apertado abraço, outro e outro do teu coração apreciador e amigo Julio Cesar Machado.»

N'esta meia duzia de linhas humorísticas, e muito amáveis decerto, está o caracter do homem, a sua impressionabilidade, e uma das feições do seu talento. Impressionara-o a minha dedicatória tanto como o celebre encontro na rua de Santo Ambrosio, annos depois ainda vivo na sua memoria! Duas coisas inesperadas, duas surpresas. Uma deu-lhe um choque aos nervos, a outra tocou-lhe no coração—ambas exageradamente.

Por esse tempo já o seu nome não andava tão alto no galarim da popularidade. O espirito publico, buliçoso e amigo da novidade, não porque ella seja sempre melhor, mas porque é novidade,

seguia, attento e apaixonado, na arena litteraria os feitos e gestos de novos e mais ruidosos luctadores. No *Correio da Manhã* e nos jornaes politico-litterarios da epocha manifestava-se esse enthusiasmo absoluto e sem condições, debaixo da forma de criticas dithyrambicas, de hymnos panegyricos, com phrases extraordinarias em honra de heroes e semi-deuses, de que muitos dos fieis d'então hoje sorriem, pelos verem em minguate, e a proposito d'alguns dos quaes podemos, mais uma vez, citar o *quantum mutatus ab illo!*

Por isso elle, que do seu elegante e florido balcão via e sentia tudo isto, se admirou tanto da minha lembrança. Se melhor me conhecesse não se admirava. Eu, em materia de religião, sempre escolhi os meus deuses e os meus santos—os litterarios e os outros. A popularidade—essa tambem costume discutil-a: e d'auctoridade humana, e, portanto, não a reconheço, nem aceito como infallivel. Sei que na vida é util, muitas vezes, ladrar com os cães, e uivar com os lobos, mas o meu ideal nunca foi aquelle Dindenaute dos carneiros de Panurgio. Nem o de Julio tambem, e por isso elle morreu sendo apenas secretario do Instituto Industrial!

Se se tivesse alistado nos bandos politicos seria conselheiro, deputado, par, ministro provavelmente; teria uma larga clientella, e muitos dependentes; as suas ambições não se limitariam a um futuro brilhante e feliz para o seu filho; o seu ideal seria o mando, o poder supremo, e a sua gloria interessaria mais á sua cabeça que ao seu coração. E elle então não se suicidava.

Aos politicos matam-os, ás vezes, mas é raro elles matarem-se. Dos nossos, n'este momento lembrome, apenas d'um—Pires de Lima—e ainda assim não era um chefe. Na palestra quotidiana e ardente, na arena das facções, enrijam a alma, e adquirem umas faculdades de resistencia extraordinarias; a musculatura intellectual, se é permittida a phrase, desenvolve-se lhes como a dos athletas, dos pugilistas do circo, e se n'alguma circumstancia, n'alguma questão pessoal, lhes trepida o animo, lhes fallece o coração, o espirito, sempre lucido, não se deixa assoberbar nem pela immenencia do perigo, nem pelo inesperado e terrivel da catastrophe. Duas vezes no pó, duas vezes no altar! disse o grande Manzoni de Napoleão 1.º. Elles podem cair muitas vezes, são mais Napoleões do que o vencido de Waterloo, são Anteus, e de cada nova queda resurgem com maiores forças!

(Continúa).

ZACHARIAS d' AÇA.

DIVISAS ADOPTADAS PELOS REIS DE PORTUGAL

Sabe-se que os emblemas são tão antigos como os primeiros monumentos da historia. Já no *Exodo*, Cap.º 39, se diz que o grande sacerdote Aaron trazia sobre o peito doze pedras, que representavam as doze tribus de Israel. Os jeroglyphicos, ou caracteres significando por meio d'emblemas o pensamento, usavam-se muito no Egypto. Os seus monumentos estão cheios d'essas figuras emblematicas. Os heroes da antiguidade as usavam nas suas armas. Pythagoras escreveu toda a sua philosophia em parabolias emblematicas das quaes muitas são verdadeiros enygmas.

Assim vemos que esse uso se transmittiu aos celtas, aos romanos, aos godos, aos arabes e outros povos da peninsula. Os nossos reis, infantes, e grandes senhores usaram de emblemas nas suas armas e nos seus sellos como se vê no tomo IV da *Historia Geneologica da Casa Real*, e em outros antigos chronistas lusitanos.

A rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I casada com Henrique I de Castella tinha no seu escudo d'armas as palavras: *S. Domine Mafaldæ Dei Gratia Castellæ et Toletæ Regina eadem gratia Sanctis illustris Portugaliæ Regis filia.*

O sello de D. Frei Bartholomeu dos Martyres tyres tinha os dizeres: *Ard. Luce. Nolit. Conf. Hui. Sec. O do Cabido de Lisboa a legenda: Sigillum Capituli Ulexbonensis.* O infante D. Henrique adoptou a divisa, que ainda existe na sua sepultura: *Talent de Bien Faire (Condão de bem fazer).*

Muitos dos soberanos de Portugal adoptaram para os seus sinetes ou sellos varias legendas, algumas d'ellas bem curiosas. Passamos a descrevel-as:

D. Affonso II usava de um sello de chumbo pendente d'uma fita de seda de fios brancos e verme-

lhos com e ta legenda: *Sigillum Domini Affonsi Regis Portugaliensis.*

D. Sancho II um sello de bitume vermelho muito rijo pendente de trança branca e encarnada com as palavras: *Sigillum Sancii.*

D. Affonso III. Sello de chumbo pendente de um cordão de seda vermelho com a legenda: *Sigillum Domini Affonsi Regis Portugaliæ et Algarbi.*

D. Diniz: Sello de chumbo pendente de seda verde e cõr de ouro com os dizeres: *Sigillum Domini Dionisii Regis Portugaliæ et Algarbi.*

D. Affonso IV: Sello de cera vermelha pendente d'um cordão preto tendo por timbre remontada sobre uma penha esta letra: *Alliora peto.*

D. Pedro I: Sello de chumbo pendendo de fita de seda verde com a legenda: *Sigillum Domini Petri Regis Portugaliæ et Algarbi.* Teve por timbre uma estrella com esta letra: *Monstrat iter.*

D. Fernando: Sello, tambem de chumbo pendendo de fios de seda encarnada com os dizeres *Sigillum Domini Fernandi Portugaliæ et Algarvi Regis.* Teve por divisa uma espada que de um golpe atravessava dois corações e as palavras: *Cur non utrumque.*

D. João I: Sello de chumbo pendente de fios de seda verde, vermelha, azul e branca com a letra: *Sigillum Domini Joannis Regis Portugaliæ et Algarbi.* Timbre: um rochedo atravessado por uma espada pela força de uma mão com a letra: *Acuit ut penetret.*

D. Duarte: Sello do chumbo pendendo de seda verde e branca, solta: *Sigillum Domini Eduardi Dei Gratia Regis Portugaliæ et Algarbi Domini optæ.* Por divisa uma lança tendo uma serpente enroscada com a letra: *Loco et Tempore.*

D. Affonso: Sello de cera de chancellia, não pendente, com as palavras: *Sigillum Serenissimi Affonsi Dei Gratia Castellæ Legionis Portugaliæ.* Divisa uma roda de moinho com a palavra *Jamais*, a letra E o numero VI.

D. João II: Sello de chumbo pendente de seda vermelha azul e branca com a legenda: *Sigillum Serenissimi Joannis II Regis Portugaliæ et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa, Guinæ Domini.* Divisa um pelicano ferindo o peito com bico: *Pro Lege et pro Grege.*

D. Manuel: Sello de cera vermelha e a letra: *Sigillum Serenissimi Emmanuelis Principis Regis Portugaliæ et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa et China Domini.* Timbre: uma esphera com as palavras: *Primus circumdæ distime.*

D. João III: Sello de cera vermelha pendente de uma trança de lã branca e azul: *Sigillum Serenissimi Joannis III Regis Portugaliæ et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa et Guinæ Domini.* Timbre: uma cruz no cimo d'uma penha com cinco pontas e a letra *In hoc signo vinces.*

D. Sebastião: Sello de cera vermelha pendendo d'uma fitinha estreita tecida de lã branca e encimada com as letras: *Serenissimi Sebastiani Regis Portugaliæ et Algarbiorum, etc.* Timbre uma estrella com os dizeres: *Celsa serena favent.*

D. Henrique: Sello de cera vermelha de chancellia com papel por cima e por divisa un. delphim envolto em uma ancora: *Festina lente.*

D. João IV. Sello gravado em chancellia *Joannis IV Dei Gratia Portugaliæ et Algarbiorum Rex.*

Identico teve seu filho el-rei D. Affonso VI.

D. Pedro II: *Petrus II. Dei Gratias Portugaliæ et Algarbi. Rex.*

D. João *Dei Gratia Rex Portugaliæ et Algarbi. citra et ultra mare in Africa Dominus Guineas et Conquisitionis Navigationes et Commercii Ethiopiarum, Arabiarum, Persiarum, Indiaque, etc. etc.*

Dos outros soberanos que se seguiram na governança do reino, os sellos e timbres reaes, são, pouco mais ou menos, identico ao do augusto fundador da dynastia brigantina.

Silva Pereira.

QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



CATRAEIROS — QUADRO DO SR. LUCIANO FREIRE

(Cópia de uma photographia do Sr. Camacho)

QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

A exposição do *Gremio Artistico*, que se realizou este anno, differensou-se bastante das antecedentes, impressionando o publico pouco favoravelmente e ainda menos a critica barata dos *reporters*, que polulam pelos jornaes de dez réis.

Parece-nos, porem, que um e outros não tiveram inteira razão no modo porque aperciaram esta exposição, deixando-se influenciar mais pelo seu aspecto differente dos mais annos, do que pela analyse demorada e serena de algumas obras ali expostas.

Uma coisa impressionava, á primeira vista, desagradavelmente o visitante costumado a ver estas exposições, e era a falta de quadros de paisagem que com a sua nota pittoresca e colorida animava as exposições anteriores; mas essa falta era devida, principalmente, á ausencia de Silva Porto, o artista de eleição que a morte se aprouve levar para o tumulo tão prematuramente.

Sim era Silva Porto que animava sobretudo as Exposições do *Gremio Artistico* com os seus bellos quadros, onde a natureza vivia com todo os seus esplendores de côr e luz. A falta d'este artista devia forçosamente sentir-se n'uma exposição de que elle era a alma e de que não deixava facil substituto no pequeno meio artistico em que vivemos.

Alóra esta circumstancia acreceu este anno, concorrerem á exposição um maior numero de quadros de genero, que ha muito tempo eram reclamados pelo publico, mas que os artistas evitavam pelas responsabilidades que lhe accarretavam, e parece-nos que tinham razão.

Por ultimo a aluviám de quadros de amadores

e de discipulos de pintura, que muito sem cerimonia se permittiram concorrer ao certamen, e que o jury de admissão muito bonacheironamente admitiu, a encher as paredes da galeria, como quem enche um biombo de bonecos.

Em tudo a brandura dos nossos costumes.

Os quadros de genero não se fazem com a mesma facilidade com que se pinta uma paisagem, e para resistirem á critica tem exigencias de estudo, observação, correcção e composição, que demandam uma educação artistica muito completa alem, da vocação e talento do compositor.

Ora nós não conhecemos por ahi nenhum artistico que esteja precisamente n'estas condicções, e o que nos faz pensar assim é justamente a falta que se tem notado de quadros, em que a figura tenha a parte principal.

Ainda nos está lembrando aquelle celebre concurso aberto pela camara municipal de Lisboa, para um quadro allusivo á partida de Vasco da Gama para a descoberta da India.

O que se viu nos esbocetos que concorreram áquelle concurso, é o mesmo que se vê na maioria dos quadros, em que apparece mais de uma ou duas figuras. A difficuldade de composição é sempre a mesma, não fallando na incorrecção das formas.

Mas como não hade ser assim se falta a boa orientação no ensino e as tradições de uma escola de pintura.

Assim outro será o nosso rumo nas breves linhas que vamos traçando. Em vez de cahirmos a fundo sobre a exposição, como para ahi fez a critica facil e inconsciente dos *reporters* ou informadores, lamentaremos apenas que os esforços empregados por alguns artistas para sahirem da rotina e apresentarem quadros de genero, fossem

tão mal apreciados, e não se observasse o que em alguns d'esses quadros havia de bom e de promettedor na continuação da cultura d'esta especialidade.

*
*
*

Não é nosso proposito fazer aqui a critica da exposição, mas simplesmente uma referencia a este facto da vida da arte portugueza, que não pôde deixar de ser archivado nas paginas do OCCIDENTE, publicação portugueza, que tanto tem pugnado sempre pela arte nacional, como verdadeiro elemento civilizador d'este paiz.

Não seremos tão cegos que não vejamos, na exposição que acaba de se fazer, os defeitos a par dos progressos que apresentou.

Se os amadores e os discipulos evadiram as salas com as suas tentativas de pintura e lhe deram um aspecto bastante inferior, lá encontrámos obras dos artistas, como Salgado, Malhoa, Freire, Condeixa, Ramalho, Marques d'Oliveira, que affirmam progresso e talento.

Os retratos pintados pelo sr. Salgado absolve n'no completamente, pela sua superioridade, das paisagens extravagantes que apresentou.

Os nus do sr. Malhoa se não são de uma correcção e execução irreprehensíveis, revelam com tudo progresso n'um genero, em que as nossas exposições tem sido uma completa miseria.

Os quadros do sr. Luciano Freire mostram bem quanto este artista tem estudado e avançado em relação a outras exposições, o que lhe garante hoje um logar distincto no nosso meio artistico.

O seu quadro *Catraeiros* que o OCCIDENTE reproduz em gravura é uma affirmação do talento d'este artista, pela boa observação dos typos que



MONUMENTO A CHRISTOVÃO COLOMBO, EM S. DOMINGOS

(Cópia de uma photographia)

reproduz, embora fraqueje um pouco nos accessorios e no fundo do quadro um tanto confuso e talvez d'um exaggerado tom amarello.

O sr. Condeixa, que reduziu a sua exposição a quatro quadros, sendo um retrato, resgata se no seu quadro *A volta da fonte* da infelicidade que o acompanhou em outras exposições.

Este quadro é dos melhores que o sr. Condeixa tem apresentado, não só na correcção da figura como na suavidade do colorido, de grande harmonia.

É este quadro que o OCCIDENTE reproduz em gravura.

Sucessivamente o OCCIDENTE irá reproduzindo pela gravura mais alguns quadros d'esta exposição, que acompanhará com o respectivo artigo.

Xylographo.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUIZIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do n.º 555)

II

Em Novembro de quarenta e oito escreveu uma memoria sobre os danos que provinham do assento feito para os portos e outra sobre Pernambuco, que ambas mandou ao secretario d'estado. Em Janeiro de quarenta e nove imprimiu em Pariz a *Architectura militar o fortificação moderna*, do padre Jorge Tournier, jesuita, que traduzira do francez e augmentara; e na Semana Santa do mesmo anno emendou o poema *O phenix da Lusitania ou Acclamação do senhor rei de Portugal D. João IV*, de Manuel Thomaz, que n'esse anno se estampou em Ruão, e para o qual escreveu a dedicatória a Gaspar de Faria Severim. Por esta ultima noticia conclue-se que Villa-Real não era alheio ás musas; entretanto só conhecemos de versos d'elle um soneto e um romance heroico em francez á morte de D. Maria de Athaide, filha do conde de Athouguia, e que se encontram nas *Memorias funebres*, impressas em Lisboa em 1650, por occasião d'este acontecimento.

Barbosa Machado apenas cita, falando de Villa Real, o seguinte: *El color verde; El politico christianissimo; El Principe vendido; o Anti-Caramuel; a Architectura militar; Cinco livros da decada doze*, de Diogo do Couto; e os ditos soneto e romance. Com o que deixamos escripto e é tirado das proprias confissões do auctor, quando preso na Inquisição de Lisboa, e com alguma coisa que ainda colheremos d'ellas, fica portanto muito mais abundante do que a de Barbosa Machado, e do que a de Innocencio, que a seguiu e diminuiu, e, segundo cremos, completa, a lista das obras de Villa-Real, que não é pequena nem destituida de interesse.

Estes traços biographicos e serviços de Villa-Real completam-se e confirmam-se com a seguinte certidão passada pelo proprio embaixador, a seu pedido, para obter recompensa d'elles, fim principal da sua vinda ao reino.

D. Vasco Luiz da Gama, marquez de Niza, almirante da India, dos conselhos d'estado e guerra d'El Rei meu senhor J.

Certifico que o capitão Manuel Fernandes Villa-Real me assistiu na corte de Pariz todo o tempo das duas embaixadas que n'ella estive, desde 4 de Maio do anno de 1642 que cheguei a Franca até os 30 de Abril de 49 que cheguei a esta cidade; somente foi algumas vezes a Ruão, donde tinha sua casa; mostrando em toda a occasião muito zelo, amor e diligencia ás coisas d'este reino e serviço de Sua Magestade, assim na assistencia de minha pessoa, como nas visitas e audiencias dos ministros d'aquella coroa, a quem levou por vezes os rascados que lhe ordenei, dando de tudo muito boa conta. Quando cheguei á Rochella lhe escrevi aguardasse em Pariz por mim; e foi uma das pessoas que mandei com o presente que a Rainha minha senhora mandou a Christianissima. Na occasião da batalha de Rocroy foi com ordem minha e despachos que alcancei d'el-rei de Franca dar liberdade aos officiaes e soldados portuguezes que n'ella se acharam presos, occupando-se n'isso mais de dois mezes em grande quantidade de leguas que andou, o que fez com grande satisfação e valor pela opposição que faziam os castelhanos, e o mesmo fez com outros muitos prisioneiros portuguezes de outras batalhas e encontros. Outrosim imprimiu e fez o livro contra Caramuel em defensa d'este reino, com outros muitos discursos e cartas que fez imprimir em resposta dos que se publicaram contra nós. E o cardeal Mazarin lhe deu em minha presença os agradecimentos da carta que escreveu sobre o successo do bispo de Portalegre em Roma. Nos *Mercurios francezes* fez um largo discurso em francez do succedido na felice acclamação de Sua Magestade e nos livros genealogicos dos reis de Franca fez tambem outro discurso dos serenissimos reis d'este reino e das familias illustres d'ella. Tudo com minha approvação e em gloria d'esta coroa. Nas gazetas fez sempre imprimir todas as coisas que tocavam a este reino, e respondeu n'ellas a outras que podiam ser contrarias. E finalmente em espaço de mais de seis annos que estive n'aquella corte não conheci n'ella coisa que fosse contraria ao serviço de Sua Magestade, antes, muito fervor, zelo e diligencia em tudo o que tocava a este reino, dando-me as noticias do que alcançava

na corte e fóra d'ella. Da communicação que tinha com D. Felix Pereira na corte de Bruxellas do que se passava em Portugal e Flandres, remetendo-lhe as cartas para os officiaes que d'ali vieram, procedeu que o marquez de Castello Rodrigo mandasse cortar a cabeça ao dito D. Felix, por se lhe acharem as suas cartas e o retrato de Sua Magestade que lhe tinha mandado. Por tudo o referido entendo é merecedor que Sua Magestade lhe faça toda a mercê e favor que mais houver por seu serviço. E por me ser pedida a presente J' a mandei passar sellada com o sello de minhas armas. Lisboa aos 23 (sic) de Abril. Miguel Botelho de Carvalho a fez de 1649. 1

D. João & Paço saber aos que esta minha carta virem que, tendo respeito aos serviços que o capitão Manuel Fernandes Villa-Real, cavalleiro fidalgoo da minha casa, natural de Lisboa, ora residente na corte de Pariz, fez á sua custa na cidade de Tange-re, por espaço de dois annos e meio, achando-se nas occasiões de guerra que n'aquelle tempo se offereceram na mesma praça, em particular ao zelo e animo de leal portuguez com que no reino de Franca tem assistido e ajudado os embaixadores d'esta coroa que lá passaram, desde o anno de mil seiscentos quarenta e um até ao presente, dando-lhes leis e noticia das cousas do mesmo reino para melhor direcção dos negocios que levavam a cargo, e escrevendo juntamente o livro que em seu nome anda impresso contra Caramuel em defensa d'este reino e do d'el-rei que a elle tenho, hei por bem de lhe fazer mercê do officio de conselheiro da nação portugueza, para que o exercite na mesma corte e reino de Franca, assim e da maneira que até aqui o fizeram as pessoas que n'ella serviram este officio; e por ao muito alto, muito excellente, muito poderoso e christianissimo príncipe el rei de França, meu irmão e primo, que, sendo-lhe esta carta apresentada pelo dito Manuel Fernandes Villa-Real n'ella conteúdo, e passada por minha chancellaria, lhe mande dar os despachos necessarios para continuar com o exercicio de que assim o encarrego, e para que o hajam em todos seus reinos por conselheiro da nação portugueza, assim como elle de direito o pode e deve ser, e para que haja o ordenado, proes e precalços que lhe direitoamente pertencem, e goze dos privilegios, preeminencias e franquezas de que, por bem d'este officio, gozaram e tiveram as pessoas que o continuaram; e o dito Manuel Fernandes Villa-Real jurará aos Santos Evangelhos, ante os ministros que n'aquelle reino tiver, que bem e verdadeiramente s'erva, guardando em tudo o serviço do senhor rei meu irmão e primo e meu e as partes seu direito. E por firmeza d'isso lhe mandei passar esta carta por mim assignada e sellada com o sello pendente. Dada na cidade de Lisboa aos quatorze de fevereiro. Balthazar Gomes a fez. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seiscentos e quarenta e quatro. Balthazar Rodrigues de Albuquerque escreveu. El-Rey. Arch. Nac., Chanc. de D. João IV, Liv. 14, fol. 235 v.

III

Com todos estes serviços chegava á patria Villa-Real, confiando que pelo seu valor obteria o galardão desejado e poderia continuar os com proveito seu e d'ella. Não foi entretanto sem recio que partiu de Franca e entrou em Portugal. Era christão-novo; vivera ou tivera relações, quer particulares, quer publicas, nas terras estrangeiras por onde andara, com varias pessoas da sua raça, que, embora seguissem ostensivamente a religião de Christo, professavam a occultas a lei de Moysés, e pela sua parte estava em igual caso; gozava de influencia entre ellas pelo talento e posição; tinha inimigos e invejosos, consequencia infallivel em todos os tempos e em toda a parte do merito verdadeiro; residira annos em um paiz, onde o protestantismo havia lançado raizes e fructificado abundantemente; conhecia ou lera muitos livros de historia e de controversias religiosas da época; e, escrevendo muito e em muitas materias, algumas já de si desagradaveis ao Santo Officio, tornava-se facil, ainda que o não quizesse, reproduzir aqui ou ali ideias um pouco livres, bebidas na sua leitura ou na atmospheria viciosa que respirava; certos d'esses escriptos podiam mesmo prejudicar o terrivel tribunal, e um designadamente, *El politico christianissimo*, havia incorrido nas iras da Inquisição de Lisboa, e havia sido por ella censurado dois annos ou menos depois de publicar-se a primeira edição e um anno depois da segunda. Por todas estas razões, quando o marquez de Niza o tentava persuadir a que voltasse a Portugal e a que viesse na sua companhia, para tratar dos seus negocios e receber de S. M. a recompensa merecida, Villa-Real hesitava em fazel-o, medroso de seus inimigos o denunciarem; ao que o marquez respondia que, se tivesse algumas culpas tocantes ao Santo Officio, poderia, logo a chegada, apresentar-se-lhe e confessal-as, com o que ficaria livre; e isto dizia o marquez por não saber quaes ellas eram, embora desconhasse e muito que Villa-Real judaizava, pois, estando em Franca occupado no seu serviço, quando chegava o sabbado, ás vezes lhe perguntava com ar malicioso se queria trabalhar.

Dizemos que *El politico christianissimo* incorrera nas iras do Santo Officio, e agora veremos como foi elle o começo da cadeia de acontecimentos que levou á morte o seu desgraçado auctor.

Teve a Inquisição de Lisboa noticia da primeira edição d'esta obra, e censurou e mandou riscar algumas das suas proposições que julgou contrarias á fé e ao santo tribunal. Apareceu a segunda edição e foi do mesmo modo percorrida minuciosamente e riscada nos pontos em que conveiu. O padre mestre frei Ignacio Galvão, a quem se distribuiu o livro, achou que tinha coisas menos seguras e outras mordazes e escandalosas, e considerou-o muito prejudicial e o auctor digno de ser buçado, examinado e obrigado a declarar o que se via que ensinava disfarçadamente. Isto foi a 6 de Abril de 1643. Em 31 de Agosto a obra tornou ao qualificador com as passagens já riscadas. Viu-a elle novamente e opinou que ainda se tirasse o que o auctor dizia acerca da expulsão dos mouros da peninsula,

onde pretendia mostrar que, não sendo a religião parte offendida, não se devia proceder no que ás escondidas se fazia contra ella. Estava portanto suspeito Villa-Real e o Santo Officio não esperava senão que este voltasse ao reino para lhe cravar desapidadamente as garras. Quanto á obra foi vendida, depois de emendada, pelo livreiro Francisco da Costa, familiar da Inquisição, a quem o auctor a mandara entregar para esse fim, por intermedio de Luiz Fernandes Villa-Real, seu parente, como é de suppor dos appellidos, e morto este, directamente. Innocencio Francisco da Silva possuía um exemplar de cada uma d'estas edições, achando-se na primeira riscadas e illegiveis algumas passagens a paginas 78, 103, 109, 139, 140, 217 e 237, e na segunda suppridas as folhas respectivas com cartões ou folhas intercalares. De ambas fala no seu *Diccionario bibliographico*. 1

Chegado Villa-Real a Lisboa a 30 de Abril de 1649, requereu o promotor do Santo Officio, em vista da qualificação do padre mestre frei Ignacio Galvão, que elle fosse chamado a Mesa e ali examinado pelas proposições censuradas, por ser necessario proceder-se contra este homem e desviar-o de que pudesse no reino confirmar com a presença e doutrina o que dava a entender no dito livro, o qual, reparava o perspicaz e malevolente promotor, acabava por um *vivimus in spe* muito ajudado.

El politico christianissimo não trazia por extenso o nome do auctor, porém só: el capitão M. F. de Villa-Real; reflectira n'isso o padre Galvão; e agora, tratando-se de ouvir quem o escrevera, cumpria, antes de tudo, verificar se era com effeito quem o dito padre julgava. Foi o que o promotor lembrou no seu requerimento e o que os inquisidores determinaram. Interrogaram-se por conseguinte os livreiros Diogo Jorge, Francisco da Costa e Manuel Rodrigues, familiares do Santo Officio, os quaes concordos asseveraram que a paternidade da obra pertencia a Manuel Fernandes Villa-Real; e os inquisidores, obtida a certeza do auctor, ordenaram que ella fosse revista outra vez pelo padre mestre frei Fernando de Menezes. Não se mostrou este mais favoravel do que o padre Galvão, pelo contrario, concluindo o seu arrazoado com as seguintes compromettedoras palavras: «o que tudo visto, quando tão claramente não merecera o livro e o auctor a censura apontada, bastára para fazer contra elle veheamente presumpção.» D'aqui resultou requerer o promotor que o delato, como de veheamente suspeito na fé, e tambem notoriamente de tentar fugir (não diz como) fosse recolhido no carcere da penitencia, e os inquisidores assim o resolverem em assento de 8 de Junho. Poder-se-hia extrahir, ponderava este assento, que tendo-se mandado emendar e recolher o livro, se deixasse andar o auctor á vista do Santo Officio, ao qual tão insolentemente offendera, e ao qual só ousara apparecer depois de imaginar que, amparando-se com os ministros da Companhia do Commercio, e servindo-os com o conselho e com a penna, o livrariam do procedimento que justamente receiava; que tudo se atalharia com a emenda ou castigo do delato; e que havia a temer outros males de homem tão atrevido, tão reputado entre os da sua nação, e tão presumido, que ousára escrever em materias que lhe eram de todo alheias.

Apezar d'este assento, o Conselho Geral resolveu em 15 de Junho que a culpa se reportasse e que se aguardasse accrescimento de outra prova.

Essa prova não tardou a apparecer.

(Continúa)

Rimos-Coelho

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

(Concluido do numero antecedente)

Aquelle velho penitente grosseiramente vestido de burel, que na noite anterior apparecera a pedir albergue, era com effeito D. Balthazar de Lara. A morte da Gaya succedida dois annos antes, propiciara lhe occasião de realisar o seu intento de regressar á patria. N'aquella incoherencia de paixões que ultimamente tumultuava o seu ser, D. Balthazar acolhera quasi insensivel o desenlace fatal de uma pequena enfermidade que lhe levára a sua companheira de tantos annos. O seu desejo constante, n'aquella fria solidão de exilio, era conhecer seu filho que abandonara na idade em que elle começava a crescer para as suas caricias e para as tradições da sua raça. Imaginava a serenidade de uma velhice acabada obscuramente entre os seus, respirando o ar puro do seu paiz, tonificado pela alegria dos netos... Assim, apenas a morte da Gaya lhe facilitou a liberdade, vendeu tudo o que possuía em Amsterdam, e poz-se a caminho, vagarosamente, por terra, atravessando a

1 Bib. Nac., Mss., F., 4-5. Copiador de cartas do marquez de Niza, fol. 46 v.

A carta do logar de conselheiro, embora anterior é outro atestado dos seus serviços, e por este motivo aqui a trasladamos.

1 As proposições censuradas e mandadas riscar estavam nas pag. 7, 101, 104, 105, 106, 138, 139, 140, 217 e 237, segundo o processo.

França e a Galliza, entrando em Portugal, já disfarçado em penitente, por terras de Traz os Montes.

Como seria recebido pelo filho, conjecturava elle, pelas cartas que o tinham ido procurar a Amsterdam; mas do que duvidava muito, e com fundamento, era de que os irmãos, sabendo o em Portugal, lhe abrissem igualmente braços de recepção affectuosa.

Quando sahira da Hollanda, observara elle que n'aquelles ultimos tempos, mais do que nunca, crescia progressivamente a emigração dos judeus portuguezes. Averiguando o motivo, soube que desde que D. Pedro II tinha roubado a corôa ao irmão, tinha decretado rigorosa perseguição contra os judeus para lisongear a culinaria do Santo Officio e conquistar d'esta maneira a adhesão do clero á sua repugnante causa.

D. Balthazar tomou pois, ao regressar á patria, a precaução de se acobertar sob um burel de penitente temendo que o furo dos belleguins inquisitoriaes, açulados pelos irmãos, descobrisse n'aquelle exausto velho de grandes barbas brancas, o moço rebelde que outr'ora maculara o seu nobre thalamo de christão velho, com os amores de uma judia, filha de paes relaxados em carne!

Por isso, apenas a emoção do primeiro encontro com o filho, dera lugar a um estado de espirito mais lucido e tranquillo, D. Balthazar disse:

— Agora, filho, escuta-me. É preciso que ninguém saiba quem eu sou. . . Dil o has só a tua mulher, se quizeres, mas tão secretamente que nem teus filhos o ouçam. A minha memoria, para os netos de D. Luiza Cordovil de Lencastre, recornetos de D. Balthazar de Lara, morreu no exilio, coberto de opprobrio; este velho que aqui está, será, aos olhos de todos, um penitente que á tua caridade acolheu. . .

— Mas meu pae. . .
— Não te opponhas, peço te; porquê, de resto, o revelar-me seria acordar os echos do velho anathema, e dar talvez ás masmorras do Santo Officio esta decrepita carcassa de tornadiço. . .

— Pois sim, comprehendo que não queira revelar-se; mas o que não posso consentir é que meu pae tenha na minha casa uma posição tão mesquinha que pouco sobreleva aos creados. . .

— E' necessario que assim seja. Este burel de penitente, não é só uma tunica de disfarce; é o vestuario que me compete e que usarei até á morte. Preciso de soffrir, tenho que remir muitas culpas. . .

— Quando alguém reconhece as suas culpas, é porque já as tem meio remidas. Demais, acredito, que deve ser mais agradável a Deus, ter o arrependimento no fundo da alma do que mostrar o espetaculosamente por flagellos corporaes. Assim, vostaculosamente por flagellos corporaes. Assim, vossa mercê será a olhos de estranhos, se lhe apraz, um velho parente, carecido de meios, que procura á minha companhia.

— Não, filho, não posso, não quero assim. O meu proposito é este, e peço te que m'o não impugnes. Dar-me has os aposentos mais isolados da tua casa. . . Este pavilhão, se o tens disponivel era o que melhor servia.

Como quizer. Aqui ninguem habita; é frio e muito exposto a nortadas e temporaes.

— Embora; ficarei n'elle. Der-me has um catre dos teus creados e uma celha com agua. . .

— Mas para que é tudo isso meu pae? Que necessidade tem de se privar assim, n'essa idade, dos confortos que sempre teve?

— Ah! tenho, tenho necessidade de expiar de todas as maneiras possiveis, o acervo que pesa sobre a minha vida passada. . . Quê? pois tu não sabes o que a tua santa mãe me soffreu? Não sabes a minha vida? . . . Escuta, vou contar-t'a, vou contar-t'a para cumulo do meu castigo. . .

— Poupa me, meu pae! Minha mãe perdoou-lhe; ouvi eu, á hora da sua morte, essas palavras benditas de que eu então mal comprehendia o alcançade. . . Aquelle coração de santa não guardava odios contra ninguem. . .

— Embora! eu é que ainda me não perdoei. Vou contar te as minhas ignominias; é um sacrificio dolorosissimo que tomo á conta de castigo. Estes cabellos brancos vão perder a teus olhos todo o prestigio veneravel; vaes desprezar-me. . .

— Oh, meu pae! Nunca!
— Que importa, se eu o mereço? Ouve. . .
E o velho, de gesto febril, os olhos injectados de sangue e lagrimas, approximou-se mais de D. Pedro e começou as suas revelações.

o cerebro, começou a accentuar-se progressivamente, com accessos intermitentes de loucura em que era necessario contel-o á força, para se não despedaçar de encontro ás paredes e evitar que rasgasse o corpo com instrumentos de supplicio, que elle mesmo occultamente fazia.

O espectro da Gaya era constante aos seus olhos, segundo se percebia das palavras intercortadas que rouquejava nos delirios; e quando o filho vinha com uma creada de confiança para o conter nas occasiões de crise, arremetia, furioso, contra elles, julgando os enviados pela potencia diabolica que a judia encarnava na sua visão morbida.

N'esta inquietação ansiosa e continua, exgotaram-se ainda tres annos. Um dia, o creado que lhe tinha ido levar uma das refeições habituaes, voitou espavorido, de cabellos eriçados, gritando que o «penitente do torreão» (era assim que designavam D. Balthazar) estava morto, n'um lago de sangue.

D. Pedro correu ao pavilhão fundamente impressionado com aquelle golpe. Entrou. O pae estava effecivamente cahido junto da porta, com uma grande fractura no craneo, de onde um sangue escuro ainda jurrava. Uma aresta da humbreira de pedra, estava tambem ensanguentada. Tudo se comprehendia; o desgraçado, acommettido subitamente por uma das suas crises, jogara a cabeça pelas paredes, com tanta infelicidade, que batendo de uma das vezes contra o gume da pedra, cahira por terra, com o craneo horriavelmente partido.

D. Pedro, com os olhos encovados, curvou-se a apalpar o arcabouço do velho. O coração ainda batia, debilmente, n'uma palpitação de agonia. Emtanto, um creado partiu logo á busca do medico, e o pae capellão, para mentado á pressa, veio ungrir o muribundo, a rogos de D. Martanna.

Uma agitação subita invadiu toda a casa. O segredo que encobria o nome de D. Balthazar, não era tão absoluto, como elle o desejava; e, desde que os seus delirios febris babuciaram as primeiras palavras de revelação, o verdadeiro nome do penitente começou a pronunciar-se em confidencias aureolado de lendas phantasias que a creadagem discutia entre textos de exorcismos. Assim aquelle acontecimento que seria de pequena emoção para extranhos, se o segredo continuasse invialado, alvoroçara facilmente toda a casa.

Mas o alvoroço depressa se transformou no mais sombrio recolhimento de luctuosa. O medico, quando chegou, nada mais pôde fazer do que verificar a morte. D. Balthazar de Lara tinha morrido com 61 annos, adunco, desfigurado, o corpo cheio das flagellações que a si mesmo infligia, sem um só traço de physionomia que revelasse o amigo e ousado galanteador dos salões da côrte, o invejado marido de D. Luiza Cordovil, e por fim o estouvado tenorio que um dia abalara toda a cidadella catholica de Braga, levando escandalosamente na garupa do seu murzello, a judia raptada ao conego da Sé.

Nada já lembrava n'elle, essas coisas excessivas e quando o seu cadaver foi dado á sepultura, mais de uma oração o nimbo com o resplendor dos sanctificados, por se saber que no seu corpo iam visiveis, sangrando ainda, os golpes dos cilicios com que elle se penitenciara.

Este successo golpeou dolorosamente D. Pedro de Lara; e apenas terminados os cerimoniaes indispensaveis, transferiu-se de novo para a herdade de Val de Vez, onde tinha passado os primeiros annos do casamento, a fim de livrar os seus olhos da sinistra evocação que a morte do pae, deixara áquellas paredes.

Ali deteve-se alguns annos, até que o filho mais velho, Lopo, segundo a natural tendencia da sua indole pacifica e resignada, professou n'um convento de franciscanos, em cuja ordem foi depois um dos mais notaveis provinciaes.

D. Pedro de Lara, comquanto o desgostasse um pouco a renuncia do filho primogenito á successão da casa, não lhe contrariou a vontade. Contudo, quando o segundo filho, José, que se doutorara na Universidade, mostrou desejos de tomar igualmente ordens sacras, não pôde conter esta exclamação:

— O quê! pois tu tambem?!

O filho insistiu; e D. Pedro amargurado já por aquella singular tendencia dos rapazes, que punha em perigo a continuação da sua casa, voltou-se para o mais novo, Pedro, o ultimo que lhe restava para as esperanças da sua raça, e murmurou:

— E tu, tambem queres ser padre?

— Eu?! — fez o moço abrindo, estupefacto, os seus grandes olhos entusiastas de peninsular. — Eu?! Eu quero ser mas é general!

Não foi; e não foi porque, quando com mais impetuosidade se preparava para assaltar as glorias marciaes, encontrou n'uma orphã, reclusa n'um mosteiro de Braga, uns olhos e um dote

que o captivaram fulminantemente. O casamento realisou-se depressa, por absoluta concordancia de sangue e de haveres; e é de este enlace que procede uma das mais nobres familias do Minho a quem devo os interessantes apontamentos de que tão inabilmente extrahi esta novella.

Morg. de Fortinhães



REVISTA POLITICA

E' ainda a questão do Brazil o que mais preoccupa os espiritos em Portugal, muito mais que a representação á corôa, do partido progressista, contra o adiamento da abertura das côrtes para outubro, e cobrança dos impostos sem auctorisação do parlamento, etc., etc., como actos contrarios ao que determina a Carta Constitucional.

Sim é a questão do Brazil o que interessa muito mais o publico, porque essa questão é, n'este momento, é muito mais séria, do que todas as representações e protestos dos politicos.

O paiz está farto de politica e de politicos e por mais que estes se queiram penitenciar, não conseguem commover ninguem, a tal ponto chegou o seu descredito.

A questão do Brazil, com quanto não esteja ainda resolvida, como facilmente se comprehende, está em bom caminho de negociações para se resolver por intermedio da Inglaterra, tendo o governo do Brazil accedido essa mediação.

A noticia do bom acolhimento que o governo brasileiro deu á mediação da Inglaterra, n'esta questão, foi recebida com geral agrado, assim como a boa disposição das potencias da Europa a respeito de Portugal tem sido lenitivo ao nosso desgosto de vermos interrompidas as boas relações officiaes com um paiz nosso irmão, ou melhor ainda nosso filho.

Sob os bons auspicios em que se encontram as negociações, é de esperar que em curto prazo se restabeleçam as relações entre o Brazil e Portugal, o que nos parece ser a aspiração de toda a gente sensata dos dois paizes ligados pelos mais estreitos laços de sangue e pelos mais respeitaveis interesses commerciaes.

E' por isto que a quebra das boas relações com o Brazil, preoccupou extraordinariamente o nosso paiz, e se tornou inoportuno o apello que o partido progressista, baptisado á ultima hora com o nome de *União Liberal*, vae fazer ao paiz, depois da sua representação á corôa.

A esse apello encarregou-se de responder antecipadamente o sr. visconde de Chancelleiros, em uma carta publicada no *Jornal do Commercio*.

Essa carta, com que concordamos plenamente, é a resposta mais elequente e cheia de duras verdades que andam no espirito de uma grande parte do publico.

Crêmos bem que toda a gente teria auctoridade para protestar contra as dictaduras, menos os signatarios da representação á corôa, e como é a opinião publica que assim o julga, porque essa opinião tem visto e sentido todas as dictaduras dos dictadores, que conhece perfeitamente, não sabemos com que fundamento esperam os ex-dictadores que o publico os acompanhe nos seus protestos.

Aqui temos dito muitas vezes e repetiremos mais uma, que a pobre Carta Constitucional tem sido tantas vezes rasgada e desprezada, que até nos admira que haja oinda quem falle n'ella, e quem a tem reduzido a esse estado tem sido os politicos, nas cadeiras do poder, no parlamento, na imprensa, em tudo a que a sua acção pôde chegar.

Todos estão eivados dos mesmos vicios e todos são reus dos mesmos delictos, e d'este modo quem poderá dizer ao contribuinte: não pague os impostos porque a camara os não votou.

Mas com que auctoridade moral se diz isto e que valor tem estas palavras na bocca de quem tem sido dictador,

O paiz ha cincoenta annos que assiste a estas comedias, que principiaram por indignal-o, depois fizeram n'o rir e hoje são-lhe tão indifferentes que nem já o indignam nem o divertem.

Os limites d'esta simples revista, não nos permitem alargarmo-nos em considerações sobre o assumpto, e por isso resumiremos, que quando o paiz entender que deve pôr ponto em todos os desvarios, não serão os especuladores politicos, que elle conhece de sobra, que o lançarão em aventuras.

A defeza das regalias constitucionaes é sympathica e está no espirito de todos os liberaes sin-

A vida serena de D. Balthazar de Lara no meio dos seus, durou escassamente dois annos. Ao fim de elles, a febre do remorso que lhe enfraquecia

ceros, mas os deffensores prejudicam muitas vezes a causa que deffendem por mais justa que ella seja.

E' o que está acontecendo.

A Carta corre perigo, está desprezada, sophismada, transtornada; pois não a pozessem em perigo, não a desprezassem, não a sophismassem, não a transtornassem.

Se fizeram uzo d'ella assim, não extranhem que outros tambem a uzem como ella está.

João Verdades.

NECROLOGIA



DR. LEONARDO TORRES

FALLECIDO EM 9 DE ABRIL DE 1894

Falleceu no dia 9 de abril proximo passado, em Lisboa, este illustre patriota, cuja palavra inspirada e eloquente tantas vezes arrebatou auditorios inteiros, quer em comicios, quer em conferencias publicas.

Era grande a sua popularidade, porque elle estava sempre ao lado do povo, com as convicções da sua alma generosa e boa, já pugnando pelas regalias publicas, já pela dignidade da patria, já pela regeneração da sociedade portugueza pelo trabalho nacional.

Este ultimo mereceu-lhe especial attenção, pois foi um dos mais strenuos deffensores do protecționismo á industria portugueza, e sobre este assumpto escreveu e discursou largamente.

Leonardo Torres, nasceu em S. João das Covas, no conselho de Louzada. Contava quarenta e oito annos, e na sua ascendencia encontra-se a nobre familia dos Pegas.

Dedicou-se á medicina, cursando a Escola Medica, onde defendeu these sobre *A alimentação como meio therapeutico nas doenças agudas, casos de operações e ferimentos.*

No primeiro anno do curso assentou praça na armada para seguir a carreira de medico naval, e concluida que foi a sua formatura, partiu para Africa, a fazer a estação em Angola.

Não concluiu, porém, esta estação, desistindo da carreira de medico naval, pelo que indemnizou o Estado com oitocentos mil réis.

Regressando a Lisboa dedicou-se á clinica particular, mas o seu espirito irrequieto e activo, não se lemitou simplesmente á vida de clinico, e envolveu-se na politica, que era de sua paixão, pugnando, talvez com melhor boa fé do que reservadas idéas de interesse pessoal, pelas liberdades publicas e pela justiça, como já dissemos.

E' notavel a campanha que elle fez quando a Camara Municipal de Lisboa pôz a concurso a illuminação da cidade e d'esse concurso resultou ficar vencida a antiga Companhia Lisbonense de illuminação a Gaz, de que o Dr. Leonardo Torres era um dos directores.

Os factos vieram dar razão ao Dr. Leonardo Torres, que se esforçou quanto poude para evitar a fusão das duas companhias, que mais tarde se realisou.

Foi um dos socios mais prestantes da Sociedade de Geographia de Lisboa, a qual, em sessão e

sob proposta do sr. Moreira de Almeida aprovou um voto de sentimento pela morte de seu illustre socio, e resolveu fazer-se representar no cortejo fúnebre que acompanhou ao Porto o cadaver do Dr. Leonardo Torres.



CARLOS AUGUSTO PORTUGAL RIBEIRO

FALLECIDO EM 24 DE ABRIL DE 1894

Um vendaval de castigo divino parece ter varrido da terra patria tudo que ella contém de valimento e de perduravel exemplo!

Na cidade de Angra, nos Açores, fallece nos em 24 de abril, com setenta e quatro annos de idade Carlos Augusto Portugal Ribeiro que nasceu no Brazil (Maranhão) em 4 de julho de 1821.

Era pae do nosso collega, o prestigioso jornalista e antigo parlamentar, Augusto Maria de Lemos Alvares Portugal Ribeiro, conhecido no mundo jornalístico e litterario pelo modesto *firman* de *Augusto Ribeiro*.

A estirpe de Carlos Augusto Portugal Ribeiro é da mais pura *vieille roche* açoriana, os marqueses de Sampaio, os condes da Povia, viscondes do Cartaxo, são *branches* do forte tronco de Ribeiros e Portugaes.

Não faltam na mesma familia nomes prestigiosos n'essa outra aristocracia do trabalho e do talento, como o no-so querido Marcos Portugal o grande musico e o grande compositor: o illustre conego, doutor Fructuoso José Ribeiro, o chefe de divisão da Armada Real, Antonio Joaquim dos Reys Portugal, etc.

O nosso biographado fez os seus primeiros estudos no antigo Collegio dos Nobres, hoje Escola Polytechnica, depois foi para a ilha Terceira onde casou com a ex.^{ma} senhora D. Maria Izabel de Lemos Alvares, de quem houve um filho, o sr. Augusto Ribeiro e uma filha a sr.^a D. Maria das Dóres de Lemos Alvares Portugal Ribeiro.

O sr. Portugal Ribeiro filtára-se no partido de que foi chefe o celebré morgado Theotónio d'Ornellas, visconde de Bruges e conde da Praia da Victoria. Assumindo a direcção politica do velho jornal *Angrense* tornou-se notavel, Portugal Ribeiro, como jornalista. Escrevia com grande elevação e proficiencia, sendo um polemista habilissimo, afirma-se mesmo que este periodo do jornalismo açoriano foi realmente brilhante, sendo, de todas as pennas a mais prestigiosa a do pae de Augusto Ribeiro.

O nosso biographado prendia os que se lhe acercavam pelo encanto e proficiencia com que fallava, conhecia profundamente as linguas franceza, ingleza, tendo intimo convívio com os classicos latinos. Os que tiveram a felicidade de conviver com Portugal Ribeiro, sabem, e muito bem, a fórma elevada e o superior criterio com que elle discutia as questões scientificas. Era sobretudo um conversador espirituoso e vivo, citando sempre grande numero de anedoctas historicas. A estes dotes, já de si bem raros, juntava um animo obsequioso que o tornava querido por todos que se lhe abeiravam, isto foi principalmente o que popularizou nos Açores o nome de Portugal Ribeiro, tendo amigos entusiastas até nas freguezias ruraes, particularmente na ilha Terceira.

Toda a imprensa das ilhas e do continente prestou justa homenagem ás qualidades do illustre ex-

tingto. Seu filho honra-lhe bem a memoria, porque além de uma vasta erudição, possui, em desenvolvida escalla, as nobres qualidades do grande coração de Portugal Ribeiro.

A este cavalheiro e distincto escriptor, o sr. Augusto Ribeiro, agradecemos o ter-nos facultado o retrato de seu Ex.^{mo} pae, proporcionando-nos, assim, occasião de escrever este artigo.



JOÃO AUGUSTO BARATA

FALLECIDO EM 9 DE MAIO DE 1894

Este nosso collega, fallecido em 9 de maio ultimo, tinha apenas trinta e quatro annos.

Novo, trabalhador, intelligente, abria-se-lhe um futuro reparador de agruras passadas...

Casado com a ex.^{ma} sr.^a D. Felicidade Vianna de quem houve trez filhinhos, por isso que o mais velho tem apenas seis annos, João Barata começava de sentir o premio do seu estudo, do seu trabalho de tantos annos.

Quando em seguida ao centenário de Camões se pensou na consagração do grande administrador, Sebastião José de Carvalho e Mello, era ainda estudante o nosso collega João Barata, e a classe academica elegeu o para a commissão promotora dos festejos.

Na exposição industrial com uma secção agricola, no sitio da actual Avenida, eu vio o ao lado de Severiano Monteiro, do saudoso Neves Cabral, de José Maria Simões, trabalhando com uma tenacidade digna de melhor paz. Vimos mais alguma cousa ainda, de este indefesso e estudioso trabalhador, foi quando se levantou a questão das formações geologicas em Portugal, entre o *Commercio de Portugal* e as *Novidades* polemica honrosa para João Augusto Barata, por isso que fez intervir no debate o illustre Choffat, o nosso consul em New-Castle Jayme Batalha Reis, Leite e Vasconcelles, etc.

Ultimamente, na *Associação Industrial* de que João Barata era zeloso director, mostrou bem o seu desinteresse e a sua dedicação ao paiz, por meio do engrandecimento do trabalho nacional.

Era um portuguez a valer. No *Commercio de Portugal*, de que era redactor da secção industrial, sustentou uma tormentosa campanha a favor da remodelação das pautas no sentido protecționista, e outra, não menos violenta e tambem bastante notavel, afim de se terminar com o açambarcamento das minas de Leiria.

O seu ideal de portuguez era que, no continente, se lavrassem os jazigos carboniferos no sentido de se desenvolver a mineração do ferro, e d'este modo nos tornar mos em paiz verdadeiramente industrial.

Novo intelligente e patriota, João Augusto Barata, deixou na sua patria mais do que serviços e desinteressada dedicação. Deixou o exemplo.

Que seus filhos o comprehendam, e o futuro será da Patria.

Manuel Barradas.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.^a, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39 — Lisboa